

A photograph of an orchestra performing on stage. The musicians are seated in rows, playing various instruments including violins, violas, cellos, and a harp. They are all dressed in formal black attire. The stage is lit, and the background is dark.

TNSC

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

CCB

7 JUN 26

**SCHEHERAZADE
DE RIMSKY-KORSAKOV
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório

domingo, 17h00

+6

Duração aproximada: 100 min

O CCB e o OPART informam que, por razões alheias a ambas as instituições, a maestrina Alondra de la Parra não poderá dirigir o concerto *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov, sendo substituída por José María Moreno Valiente, maestro titular da Orquestra Filarmónica de Málaga.

Programa

Manuel de Falla (1876–1946) *El Amor Brujo* (Suíte de 1925, Edición Chester Music)

I. *Introducción y escena*

II. *En la cueva*

III. *El aparecido*

IV. *Danza del terror*

V. *El círculo mágico*

VI. *A medianoche*

VII. *Danza ritual de fuego*

VIII. *Escena*

IX. *Pantomima*

X. *Danza del juego del amor*

XI. *Final*

Richard Strauss (1864–1949) *Till Eulenspiegels lustige Streiche*, poema sinfónico, Op. 28

Intervalo

Nikolai Rimsky-Korsakov (1844–1908) *Scheherazade*, Op. 35

I. *O mar e o barco de Simbad*

II. *A história do príncipe Kalender*

III. *O jovem príncipe e a jovem princesa*

IV. *A festa em Bagdade. O mar. O naufrágio do barco sobre os rochedos*

Direção Musical **José María Moreno Valiente**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coprodução **Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos**



MÚSICA QUE CONTA HISTÓRIAS

Todos reconhecemos a melodia com que a trompa dá início a *As alegres travessuras de Till Eulenspiegel*, de Richard Strauss; ou a *Dança Ritual do Fogo*, de *El Amor Brujo*, de Manuel de Falla; ou o célebre solo de violino de *Scheherazade*, de Rimsky-Korsakov. Estes temas enredam-se em páginas sinfónicas que prendem de imediato a atenção do melómano, sem necessidade de mais nada. Todavia, se dedicarmos atenção a aspetos aparentemente acessórios, começam a jorrar perguntas que desafiam respostas. Nasce, então, uma conversa interior que se impõe no exercício da escuta. Para o efeito, existe uma chave-mestra que se aplica a qualquer dos casos: a narrativa ficcional associada às partituras. Trata-se, portanto, de música programática, no sentido em que conta histórias, representa contextos, ações, estados de espírito e personagens sem o recurso à palavra – é como se fosse música para cinema criada antes mesmo de o cinema sonoro existir. Radicados em geografias distantes, os três compositores interessaram-se por lendas ancestrais de cunho moral e com vínculos identitários.

Em 1888, Rimsky-Korsakov ensinava no Conservatório de São Petersburgo. Já tinha composto três sinfonias, três óperas e quatro obras programáticas precedentes de *Scheherazade*: *Sadko*, inspirado numa lenda russa e que derivaria em ópera; *Antar*, suíte sinfónica de inspiração oriental; *Capricho espanhol* e *A grande Páscoa russa*. Rimsky-Korsakov dedicaria os últimos vinte anos da sua vida à ópera. Porém, o sucesso de *Scheherazade* ofuscou a receção póstuma desse legado fora da Rússia. O «enredo» inspira-se numa coleção de contos intitulada *As Mil e Uma Noites*, publicada em França no início do século XVIII, com base num manuscrito sírio em árabe do século XIV. No preâmbulo, lê-se a história de um sultão que, ao descobrir a infidelidade da mulher com um escravo, jurou matar as suas esposas logo

após a noite nupcial. Porém, a sultana Scheherazade consegue salvar a vida, entretendo-o com histórias fascinantes, noite após noite. Explicam-se assim os títulos das quatro peças que poderiam ser andamentos de uma sinfonia. Resta-nos desvendar na música essas narrativas. Destacam-se o tema que aparece logo na introdução, representação do caráter ameaçador do sultão, e o tema de Scheherazade, em que o violino desenha um arabesco de tercinas descendentes.

Strauss, que em 1895 vivia entre Weimar e Munique, também completaria quinze óperas. O projeto *Till Eulenspiegel e os Cidadãos de Schilda* nasceu na sequência da primeira (*Guntram*, 1893). Ressentido pelo fracasso, planeou aquela nova ópera em que o anti-herói Till (ele próprio) é sentenciado à morte pelos habitantes da mítica cidade medieval de Schilda (metáfora de Munique), mas termina nomeado presidente. As óperas de Strauss tiveram melhor sorte. Porém, àquela data, só os poemas sinfônicos tinham sido bem-sucedidos – *Macbeth*, *Don Juan* e *Morte e Transfiguração*. Era mais seguro reconfigurar *Till Eulenspiegel* nesse formato. Focava-se agora nas «travessuras» dessa figura lendária de caráter irreverente e irresponsável. A fonte era uma compilação de contos satíricos publicada no início do século XVI em Lübeck, uma pequena cidade banhada pelo mar Báltico. Na partitura, tudo começa com um «Era uma vez» e conclui com uma espécie de «lição moral», como que para desassombrar a morte do protagonista. Pelo meio, ilustra em forma Rondó as peripécias de um impostor ardiloso que troça da sociedade; que, montado a cavalo, provoca distúrbios numa feira; que, disfarçado de monge, se infiltra injuriosamente numa procissão; que finge ser sábio; que leva uma bofetada ao tentar seduzir uma jovem; que é perseguido pelas autoridades, capturado, julgado... Ainda tenta rir da situação, mas termina na forca.

El Amor Brujo não é um poema sinfónico, mas também conta uma história – já lá vamos. Falla chegou a Madrid com vinte anos de idade, em 1896, provindo de Cádiz. Compôs várias zarzuelas e a ópera *La vida breve*, mas sem o reconhecimento que entendia merecer. Em 1907, uma digressão como pianista levou-o até Paris, onde acabou por permanecer sete anos em convivência com figuras como Debussy, Dukas e Stravinsky. O início da guerra fê-lo regressar a Madrid. No ano seguinte, juntou tradição e vanguarda na estreia de *El Amor Brujo*, com um pequeno ensemble e o «canto profundo» do flamenco andaluz, na voz de Pastora Imperio. O libreto baseia-se num mito ancestral cigano: o regresso do espírito de um cigano ao mundo dos vivos com o intuito de impedir que qualquer homem ocupasse o seu lugar junto da mulher que fora sua, a bela cigana Candelas. O pretendente, Carmelo, convence Lucía a distrair a sinistra figura, a fim de ganhar tempo para conseguir o «beijo do amor perfeito». O mal é assim exorcizado, vencido através do amor. No seguimento, Falla reviu a partitura, subtraindo os diálogos falados. Já em 1925, fê-la estreiar em Paris em versão de bailado, com uma orquestração mais robusta. Assim nos chegou a suíte que ouvimos hoje. Apesar da privação do canto e do aparato cénico, permite-nos vislumbrar a cólera de um espírito ciumento, uma gruta iluminada pela fogueira e um prenúncio de má sorte. A aparição do fantasma «desenha-se» nos glissandos das cordas. Percorre ambientes tão contrastantes como os desvarios frenéticos da *Dança do Terror* e o círculo sereno que rodeia Candelas. As badaladas da meia-noite anunciam um ritual purificador. Tudo termina em paz e triunfo.

Texto **Rui Campos Leitão**
Musicólogo



JOSÉ MARÍA MORENO VALIENTE

Direção Musical

Estudou direção de orquestra em Espanha e no Conservatório Rimsky-Korsakov de São Petersburgo e diplomou-se em direção de orquestra, formação musical, piano, harmonia, contraponto, composição e canto.

Diretor artístico e titular da Orquestra Filarmónica de Málaga (Espanha), desde 2020, é considerado um dos diretores musicais espanhóis mais carismáticos, entusiasta, enérgico e versátil da sua geração, tendo já colaborado com orquestras como: a Sinfónica de Berlim; a Filarmónica de Augsburg; a Filarmónica de Baden-Baden; a Sinfónica de Münster (Alemanha); a Filarmónica de Carélia (Rússia); as Sinfónicas Nacionais do Chile, Colômbia e Uruguai; a Sinfónica de Porto Rico, a Sinfónica de Minas Gerais e Porto Alegre; a Orquestra do Teatro Colón (Argentina); as Sinfónicas de Pori e Lappeenranta (Finlândia); a Filarmónica Portuguesa e do Norte; a Orquestra Nacional de Cannes (França); a Filarmónica de Zagreb (Croácia); as Sinfónicas de Shenzhen e Sichuan (China); e as orquestras espanholas do Liceu de Barcelona;

a Filarmónica de Oviedo, a Sinfónica da Galiza, a Orquestra de Valência, as Sinfónicas de Madrid, a Orquestra Nacional da Catalunha, a Orquestra da RTVE, as Sinfónicas das Baleares e Navarra e a Orquestra da cidade de Granada, entre outras.

Sob a sua batuta, já passaram alguns solistas, como Pablo Ferrández, Pepe Romero, Juan Manuel Cañizares, Pablo Sainz Villegas, Juan Pérez Floristán, Soyong Yoon, Kirill Troussov, Regis Pasquier, Esther Yoo, Clara-Jumi Kang, Clara Andrada, Leticia Moreno, Francisco García Fullana, Anna Fedorova e Anna Geniushene. Especialista em ópera e zarzuela, já dirigiu *Carmen*, *Turandot*, *Tosca*, *La bohème*, *Madama Butterfly*, *Aida*, *Otello*, *La traviata*, *Pagliacci* e *Il trovatore*, entre outras, com cantores como Plácido Domingo, Ainhoa Arteta, Roberto Alagna, Carlos Álvarez, Joan Pons e José Bros. É um destacado diretor coral-sinfónico, com um trabalho reconhecido junto de importantes formações corais. Muito aclamado pelas suas atuações em cidades como Pequim, Berlim, Buenos Aires, Helsínquia, Madrid e Barcelona.



© BRUNO BARRÃO

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O Anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki,

Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing Borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999–2001), Zoltán Peskó (2001–2004) e Julia Jones (2008–2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

FLAUTAS

Rui Matos
Natália Monteiro *
Leonardo Coelho *
Ana Baganha

OBOÉS

Luís Perez
Luís Marques
Sonia Latorre *
Elizabeth Kicks

CLARINETES

Francisco Ribeiro
João Pedro Santos *
Cândida Oliveira
Jorge Trindade

FAGOTES

David Harrison
Joana Maia
Pedro Rodrigues *
Carolino Carreira

TROMPAS

Luís Vieira
Carlos Rosado
Laurent Rossi
Tracy Nabais

TROMPETES

Jorge Almeida
Latchezar Goulev
Pedro Monteiro

TROMBONES

Hugo Assunção
Vítor Faria
Joaquim Rocha

TUBA

Ilídio Massacote

TÍMPANOS

Elizabeth Davis

PERCUSSÃO

Pedro Silva
André Castro *
Cristiano Rios *
Daniel Pinheiro *
Francisco Fernandes *

HARPA

Carmen Cardeal

PIANO

Joana David

I VIOLINOS

Alexis Hatch
Alexander Stewart
Leonid Bykov
Alexander Mladenov
António Figueiredo
Rodrigo Teófilo
Anabela Guerreiro
Regina Stewart
Nicholas Cooke
Ewa Michalska
Ulla Sandros
Xavier Pereira *
Ana Sofia Faria *
Nelson Gomes *

II VIOLINOS

Paula Carneiro
Tomás Soares
David Ascensão
Flávia Marques
Maria Bykova
Inna Calori
Sara Cymbron
Kamelia Dimitrova
Witold Dziuba
Katarzyna Majewska
Slawomir Sadlowski
Francisca Fins *

VIOLAS

Pedro Muñoz
Irma Skenderi
Sandra Moura
Vladimir Demirev
Isabel Pereira
Etelka Dudas
Maria Monteiro
Sara Farinha *

VIOLONCELOS

Alexandre Alvarez
Ajda Zupancic
João Matos
Diana Savova
Luís Clode
Hugo Paiva *
Gueorgui Dimitrov

CONTRABAIXOS

Diogo Pereira
Anita Hinkova
Pedro Bettencourt
José Mira
João Diogo
Rafael Aguiar

REFORÇOS *

OPART - Organismo de Produção Artística, E.P.E.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente **Conceição Amaral**

Vogal **Sofia Meneses**

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Diretor Artístico **Pedro Amaral**

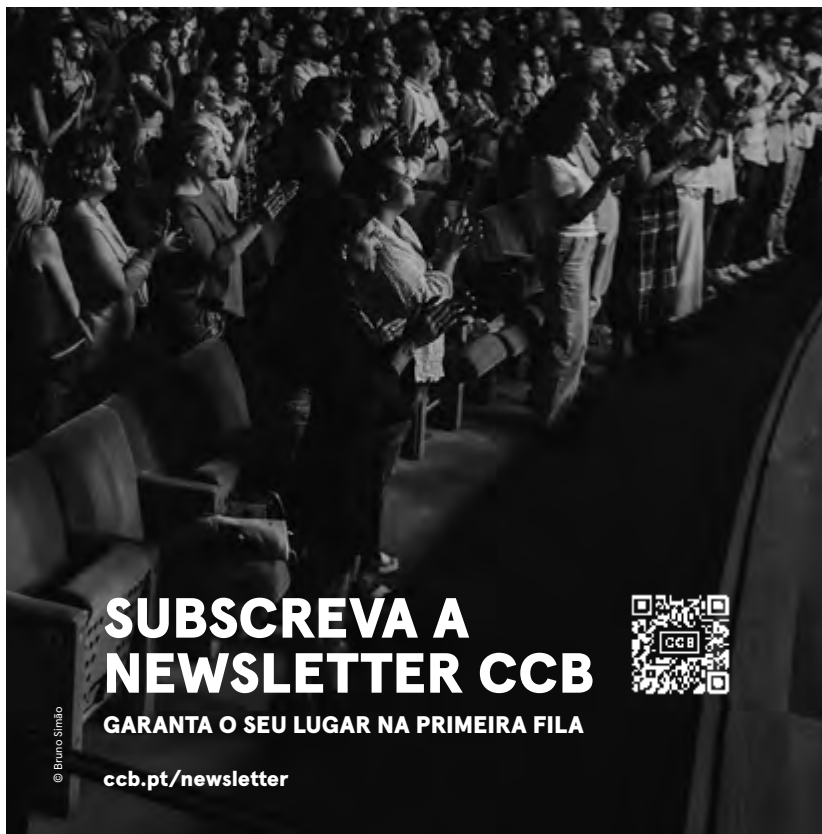
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente **Nuno Vassallo e Silva**

Vogal **Rita Romão**

Vogal **Rui Morais**



**SUBSCREVA A
NEWSLETTER CCB**



GARANTA O SEU LUGAR NA PRIMEIRA FILA

ccb.pt/newsletter

JÁ A SEGUIR

SINFONIA
«DO NOVO MUNDO»
DE DVOŘÁK
ORQUESTRA XXI

18 JUL

sexta-feira, 19h

Grande Auditório

+6

Conversa pré-concerto
por Dinis Sousa às 18h30

Escrita durante um período em que o compositor emigrara para Nova Iorque, a célebre *Sinfonia do «Do Novo Mundo»* combina elementos da tradição musical afro-americana com uma escrita de inspiração clássica, sendo considerada uma das peças mais populares do repertório sinfónico.

CCB

O lugar onde as ideias encontram o seu espaço

2 Auditórios
17 Salas

Um contexto único
onde cada encontro acontece
no cruzamento entre arte
e pensamento



Organize o evento
da sua empresa connosco



eventos@ccb.pt

www.ccb.pt/centrodecongressosereunioes

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA

RTP

RTP
antena 1

RTP
antena 2

PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMEDIA

SONY

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

El Corte Inglés

PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

ponto verde



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU